

A INFLUÊNCIA DA IDADE E DO GÊNERO NO TIPO DE ORIENTAÇÃO CULTURAL EM JOVENS PARAIBANOS

2012

Nilton Soares Formiga

Mestre em psicologia social pela universidade Federal da Paraíba. Doutorado pela mesma universidade. Docente na Universidade Estadual da Paraíba como professor substituto (Brasil)

Edilane Ferreira

Graduanda em Comunicação Social (Jornalismo) e Letras (Faculdade Mauricio de Nassau - João Pessoa, Pb, Brasil)

Contato:

nsformiga@yahoo.com

RESUMO

Os acontecimentos ocorridos na contemporaneidade têm afetado tanto os espaços sociais, econômicas e culturais, quanto às relações interpessoais; especialmente, no que refere a orientação que a pessoa tem na dinâmica com o outro. Acredita-se que uma orientação individualista ou coletivista influencia a relação da pessoa com o reconhecimento da capacidade deste para uma ressonância interpessoal, atribuído como empatia, a qual saliente a ética e a moralidade. O presente estudo tem como objetivo verificar um modelo teórico em que o tipo de orientação cultural associe com a empatia. 456 sujeitos, do sexo masculino e do sexo feminino, de 12 a 67 anos, do nível fundamental, médio e universitário de instituições privadas e de públicas das cidades de João Pessoa-PB e Rio de Janeiro-RJ responderam a Escala Multidimensional de Reatividade Interpessoal de Davis, a Escala dos atributos do tipo de orientação cultural individualista e coletivista e dados sócio-demográficos. Observou-se uma associação positiva da orientação coletivista com a empatia, por outro lado, a orientação individualista associou-se, negativamente, com a empatia.

Palavras-chave: Orientação cultural, empatia, modelagem estrutural

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade tem revelado, direta ou indiretamente, um conjunto de mudanças na dinâmica social, econômica e cultural (por exemplo, a linguagem, passando pela identidade social a política e tecnologia), as quais têm influenciado nas relações interpessoais quanto ao tipo e as formas de apreensão da percepção, conhecimento e experiência cotidiana no entorno psicossocial das pessoas. De acordo com Formiga e Souza (2012; 3), citando Jodelet (1984) e Howard (2000), “essas mudanças tem modificado o processo do significado e sentido da vida indivíduo-sociedade em relação ao estabelecimento de um modelo de pensamento e conduta socialmente desejável, moral e ética”.

O fato é que, essas mudanças, ainda que reivindicatória de melhorias na vida das pessoas e da sociedade tem feito que pensadores e pesquisadores das ciências humanas, sociais e da saúde reflitem a respeito da existência de uma sociedade que tem investido cada vez mais na experiência ambivalente, fluida, tendenciosa constantemente ao risco e focalizando a satisfação para si mesmo exacerbadamente (Bauman, 1998; Kumar, 1997; Lipovetsky & Charles, 2004).

Segundo Formiga e Souza (2012), a literatura histórico-social sobre a evolução da civilização humana aponta em direção de uma linha racionalista-histórica que se move em uma dinâmica dicotômica na orientação individualidade-coletividade, tradição-modernidade, natural-adquirido com o objetivo de estabelecer e manter um padrão de conduta humana. Para esses autores, com o decorrer evolutivo das sociedades prioriza-se uma ou outra dessas orientações a fim de compreender e revelar, aos sujeitos que formam determinada sociedade, os processos psicossociais que devem ser mantidos, para a harmonia das relações interpessoais e sociais, contribuindo para a explicação, entre os jovens na atualidade, do porque e como agir cooperativamente e com apoio social frente ao outro (Barzun, 2002; Dumont, 1985; Elias, 1994; Fernández-Armesto, 1999).

O fato é que, essas condições influenciam a direção das mudanças culturais, as quais, por serem assim, podem alterar os modelos de pensamento e de conduta, fazendo com que mudem profundamente o entorno interpessoal, mas também, que contribua para identificar, na sociedade vigente, a existência dos conflitos entre o cultural e o legal, a conduta grupal e individual, a valoração pelo outro e a dissimulação cooperativa; situação que leva os indivíduos e grupos à adoção de condutas mais individualistas, uma vez que as normas que governam o comportamento social estariam sem credibilidade ou se apresentando com uma maior valorização das coisas materiais, sendo utilitaristas, manifestando uma fissura na relação do cuidado e da valoração humana.

A questão principal é que, aqueles indivíduos que priorizam e continuam a ter na sociedade e nas normas sociais que a governam, uma segurança ainda mantém uma postura coletivista,

indicando uma crença nos antigos ideais da sociedade, entendida como uma grande família, pronta a cuidar das pessoas que dela fazem parte; o contrário, a priorização de si mesmo e da mudança social e normativa para atender seus próprios objetivos, mesmo que prejudique uma dimensão mais ampla (isto é, a sociedade) revela a postura de um sujeito individualista. Este último tem sido a grande investida nas imagens da interessoalidade que a sociedade contemporânea tem salientado (Souza, 2003).

Ao enfatizar sobre os padrões convencionais da orientação cultural adotada por cada pessoa, destaca-se o papel dos atributos dos valores culturais proposto por Triandis (1995; 1996), distribuídos em valores de individualismo e coletivismo. Rokeach (1973; 1979) já considerava esse construto fundamental quando se tratava de explicar os comportamentos das pessoas, o qual seria capaz de orientar tanto as escolhas quanto as atitudes humanas.

De fato, seja na mídia, transeuntes ou especialistas da ciência humana e social, percebe-se que uma preocupação frente à conduta social juvenil tem sido referida à cultura do indivíduo, estigmatizando-a como a única 'CULTURA' e destacando-a uma condição *sine quo non* do desenvolvimento sócio-humano dos jovens, excluindo a complexidade e diversidade humana frente à gestão e formação da conduta socialmente desejável nas relações interpessoais, fundamentada na assimilação e orientação de atributos culturais coletivistas e individualistas (Formiga, 2004; Formiga & Diniz, 2011).

Neste contexto, ao considerar estes atributos como padrões de orientação cultural permitem ao sujeito a adoção de um ou outro tipo de orientação, o indivíduo irá se comportar de forma coerente com este. Por um lado, o individualismo expressa uma tendência ao sucesso, a valorizar a própria intimidade e uma necessidade de adequar-se ao contexto social, visando obter recompensas; por outro, o coletivismo define uma tendência à cooperação e ao cumprimento com relação aos demais; internamente, as pessoas com orientação coletivista, mantêm fortes relações entre si, podendo compartilhar os mesmos interesses (Gouveia, Clemente & Vidal, 1998).

Desta forma, o individualismo e coletivismo são definidos como síndromes culturais, consistem em compartilhar atitudes, crenças, normas, papéis sociais e definições do eu, sendo os valores dos membros de cada cultura organizados coerentemente sob um tema (Triandis, 1995; 1996). As pessoas que se orientam por um tipo ou outro de orientação cultural, vão se comportar de maneira diferente, seja na forma de se auto-perceber ou nos seus relacionamentos interpessoais.

No entanto, deve-se salientar que o individualismo e coletivismo não são necessariamente opostos. Como assinalam Sinha e Tripathi (1994), as pessoas são um pouco de cada um, sendo o contexto ou a situação imediata, que vai definir o estilo mais apropriado de comportamento – o tipo de orientação (Triandis, 1995; Triandis, Chen & Chan, 1998). Em todo caso, espera-se que, em cada pessoa, predomine uma destas orientações, não se podendo ignorar a possibilidade de

coexistência das duas (Schwartz, 1990; Sinhá & Tripathi, 1994), bem como, sua relação entre esses atributos.

Triandis (1995), ao recuperar a clássica dimensão de poder proposta por Hofstede (1980) que avaliava as dimensões culturais nas empresas, enfatizando o papel do sujeito ou do *grupo* na dinâmica das sociedades humanas, identifica dois atributos chave para diferenciar os principais tipos de individualismo e coletivismo: horizontal e vertical. O atributo horizontal sugere que as pessoas são similares na maioria dos aspectos, especialmente no status. O conceito vertical põe ênfase em aceitar a desigualdade e privilegiar a hierarquia. Estes atributos se combinam com o individualismo e coletivismo formando quatro tipos de orientação, cada um com uma característica principal que melhor descreve a pessoa que adota cada um destes tipos, a saber: Individualismo horizontal refere-se a *Ser único, diferente dos demais* e vertical a *Orientação ao êxito, ao triunfo*; por outro lado, Coletivismo horizontal atribui-se a *cooperação, a pessoa que colabora* e vertical salienta uma pessoa *cumpridor com os demais, servidor*.

Desta maneira, ao considerar tais busca-se relacionar uma variedade de fatos e pensamentos nas múltiplas facetas da vida social e política (Inglehart, 1991). Sabendo-se ainda que quando se deseja explicar comportamentos deve-se recorrer às atitudes, ao reconhecer a natureza atitudinal que estes construtos venham apresentar, é possível que eles contribuam para a explicação de construtos psicológicos (comportamentos, atitudes, etc.) (Rokeach, 1973; 1979; Formiga, 2004; Formiga & Diniz, 2011) e até individuais; no caso do presente estudo, o objetivo principal é verificar se a idade e o gênero se diferenciam no tipo de orientação cultura dos sujeitos.

MÉTODO

Amostra

201 sujeitos, do sexo masculino (42%) e do sexo feminino (58%), de 14 a 61 anos (M = 24,60; d.p. = 14,49) compuseram este estudo. Estes foram do nível fundamental, médio e universitário de instituições privadas e de públicas das cidades de João Pessoa-PB e Rio de Janeiro-RJ. A amostra foi não probabilística, pois considerou-se a pessoa que, consultado, se dispôs a colaborar, respondendo o questionário a ele apresentado.

Instrumentos

Escala dos atributos do tipo de orientação cultural individualista e coletivista. Composto por seis itens que avaliam os atributos que mais caracterizam os sujeitos em relação ao individualismo e coletivismo (por exemplo, Um ser único, diferente dos demais; Orientado ao êxito, ao triunfo, Cooperador, que colabora, etc.). Formiga e Mota (2009) observaram Alfas de Cronbach aceitáveis pela literatura sobre o tema; realizando uma análise fatorial confirmatória

(AFC) e a análise do modelo de equação estrutural (SEM), Formiga (2011) observou que este escala mostrou-se fidedigna quanto a estrutura fatorial já observada pelos autores supracitados, por exemplo: $\chi^2/gf = 3,01$; GFI = 0,99 e AGFI = 0,97; TLI = 0,93; RMSEA (90%IC) = 0,05 (0,03-0,08), CAIC = 131,58 e ECVI = 0,07.

O instrumento proposto apresentou garantia de maior confiabilidade fatorial e evidências empíricas para sua aplicação e mensuração no contexto paraibano. Para respondê-lo o jovem deveria ler cada item e indicar o quanto cada um dos atributos lhe caracteriza, para isso, era necessário apontar (com um X ou círculo) numa escala do tipo Likert, com os seguintes extremos: **0** = Nada Característico e **5** = Muito Característico, ao lado dos respectivos atributos.

Caracterização Sócio-Demográfica. Foram elaboradas perguntas que contribuíram para caracterizar os participantes deste estudo (por exemplo, sexo, idade, classe sócio-econômica), bem como, realizar um controle estatístico de algum atributo que possa interferir diretamente nos seus resultados.

Procedimentos

Todos os procedimentos adotados nesta pesquisa seguiram as orientações previstas na Resolução 196/96 do CNS e na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CNS, 1996; ANPEPP, 2000).

Administração

Colaboradores com experiência prévia na administração da aplicação dos instrumentos foram responsabilizados pela coleta dos dados, e apresentaram-se nas salas de aula como interessados em conhecer as opiniões e os comportamentos dos alunos sobre as situações descritas nos instrumentos.

Solicitou-se a colaboração voluntária dos jovens no sentido de responderem um breve questionário. Após ficarem cientes das condições de participação na pesquisa, assinaram um termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi-lhes dito que não havia resposta certa ou errada. A todos foi assegurado o anonimato das suas respostas informando que estas seriam tratadas em seu conjunto. As escalas foram então respondidas individualmente.

Apesar de o instrumento ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para que possam ser respondidos, os colaboradores na aplicação estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 30 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

Análise dos dados

No que se refere à análise dos dados desta pesquisa, utilizou-se a versão 18.0 do pacote estatístico SPSS para Windows. Foram computadas estatísticas descritivas (tendência central e dispersão) e análise de variância (ANOVA one-way).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta de dados, realizou uma análise de variância a fim de avaliar a diferença na pontuação média das respostas dos sujeitos quanto à orientação cultural em relação ao gênero e idade. Com isso, observaram-se os seguintes resultados:

Em relação a idade, a fim de construir grupos diferentes na idade, efetuou-se inicialmente, o cálculo da mediana com o objetivo de verificar a diferente medias em grupos de idade mais novos e mais velhos; realizou-se uma Anova one-way, com o método de Bonferroni sujeitos mais velhos (acima de 19 anos) pontuaram mais alto (**M = 3,80, DP = 1,10; IC_{95%} - 3,57-4,02**) do que os sujeitos mais novos (abaixo de 17 anos) (M = 2,93, DP = 1,20; IC_{95%} - 2,70-3,16) [$F(1,199) = 27,93, p < 0,01$] na orientação cultural do *êxito, busca o triunfo*; em relação a orientação *ser único, diferente dos demais*, os resultados seguiram semelhante direção, tendo os sujeitos mais velhos (acima de 19 anos) apresentado média superior (**M = 3,22, DP = 1,63; IC_{95%} - 2,89-3,55**) a dos sujeitos mais novos (abaixo de 17 anos) (M = 2,80, DP = 1,59; IC_{95%} - 2,50-3,10) [$F(1,199) = 13,42, p < 0,01$].

Considerando ainda a variável idade, em relação à orientação de *cooperação, aquele que colabora*, os resultados se inverteram, tendo observado média superior para os sujeitos mais novos (abaixo de 17 anos) (**M = 4,33, DP = 0,73; IC_{95%} - 4,17-4,48**) ao comparar a média dos sujeitos mais velhos (acima de 19 anos) (M = 3,44, DP = 1,10; IC_{95%} - 3,24-3,66) [$F(1,199) = 42,66, p < 0,01$]; no que diz respeito a orientação cultural *cumpridor com os deveres, servidor*, os resultados tiveram semelhante direção entre as variáveis, isto é, para os sujeitos mais novos (abaixo de 17 anos) (**M = 4,41, DP = 0,73; IC_{95%} - 4,28-4,54**) ao comparar a média dos sujeitos mais velhos (acima de 19 anos) (M = 3,49, DP = 1,10; IC_{95%} - 3,24-3,74) [$F(1,199) = 38,70, p < 0,01$].

No que se refere ao gênero, não se observaram resultados significativos na diferença da pontuação média nas respostas de homens e mulheres. Assim, provavelmente, a orientação que homem e mulher venham aderir na relação interpessoal da dinâmica social, no aspecto horizontal (similaridade dos aspectos psicossociais do status) ou no vertical (saliência na desigualdade e privilégio da hierarquia) não faz muita diferença, até porque não somente quanto à divulgação na mídia em geral quanto nos relatos científicos, o problema do gênero não passa mais pela vertente cultural (Formiga & Neta, 2008), pois já se tem definido de forma clara o espaço da mulher e do homem em diversas facetas sócio-profissionais.

Os resultados aqui apresentados além de atender o objetivo principal desse estudo, o qual se espera ter cumprido, sugere seu emprego em áreas de estudo que cooperam com a psicologia, educação, sociologia, etc.; especialmente, por tratar de uma perspectiva teórica ainda muito em evidência (o tema psicologia da conduta e cognição com base na orientação cultural). Considerar estas variáveis – os atributos de individualismo e coletivismo – permite relacionar uma variedade de fatos e pensamentos nas múltiplas facetas da vida social e política (Inglehart, 1991). Sabendo-se ainda que quando se deseja explicar comportamentos deve-se recorrer às atitudes; dessa forma, reconhecer a natureza atitudinal destes construtos pode implicar na explicação de alguns comportamentos sociais, neste caso, como compreender a dinâmica social e psicológica dos jovens.

Apesar dos resultados serem satisfatórios, faz-se necessário ter em conta aspectos mais específicos ou universais de cada cultura (cidades, estados, dinâmica sócio-humana, etc.), quando se pretender avaliar essas variáveis (Muenjohn & Armstrong, 2007; Triandis e cols., 1993; Triandis, 1994; Van De Vijver & Leung, 1997). Desta maneira, aponta-se para a seguinte direção: conhecer os aspectos que podem ser comuns a todas as culturas e aqueles que são específicos, contribuindo para consolidar um marco teórico do tipo de orientação cultural e da empatia, já que, considerando os resultados encontrados é possível que ambas as variáveis podem se diferenciar entre si devido aos contextos sociais e políticos. Com isso, o que fazer no futuro em relação a essas escalas? Pretende-se reunir evidências adicionais da consistência intra, inter e pan-culturais em relação a estas medidas e o modelo teórico, bem como, a realização estudos que avaliasse além da avaliação das respostas dos sujeitos em idades menores, bem como, associando a idade a contextos sociais e institucionais (escola, religião, etc.).

REFERÊNCIAS

Associação nacional de pesquisa e pós-graduação em psicologia – ANPEPP (2011). *Contribuições para a discussão das Resoluções CNS nº. 196/96 e CFP Nº 016/2000*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://www.anpepp.org.br/XIISimposio/Rel_ComissaoEticasobre_Res_CNS_e_CFP.pdf2000.

Barzun, J. (2002). *Da alvorada à decadência: A história da cultura ocidental de 1500 aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Campus.

Bauman, Z. (1998). *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Conselho Nacional de Saúde – CNS. (1996). *Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos*. Recuperado em 02 de Setembro de 2011, da WEB (página da WEB): http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm.

Dumont, L. (1985). *O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

Fernández-Armesto, F. (1999). *Milênio: Uma história de nossos últimos mil anos*. Rio de Janeiro: Record.

Formiga, N. S. (2004). O tipo de orientação cultural e sua influência sobre os indicadores do rendimento escolar. *Psicologia. Teoria e Prática*, 16 (1), 13-29.

Formiga, N. S.; Neta, A. B. S. & Medeiros, A. B. C. (2008). Atitudes preconceituosas frente a grupos minoritários, ações afirmativas e contato social. *Revista eletrônica psicologia.com.pt*. 1 (1), 1-25. Recuperado em 18 de Agosto de 2012, da WEB (página da WEB): <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0406.pdf>.

Formiga, N. S. & Diniz, A. (2011). Estilo da orientação cultural e condutas desviantes: Testagem de um modelo teórico. *Revista Pesquisa em Psicologia*, 5 (1), 2-11.

Formiga, N. S. & Mota, H. M. (2009). Estilo da orientação cultural e condutas desviantes: Um estudo correlacional em jovens paraibanos. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 10 (97), 158-180.

Formiga, N. S. & Souza, M. A. (2012). Tipo de orientação cultural e empatia em brasileiros: Verificação de um modelo teórico. *Manuscrito submetido a publicação*.

Gouveia, V. V.; Clemente, M. & Vidal, M.A. (1998). España desde dentro: el individualismo y el colectivismo como rasgos diferenciadores de las comunidades autónomas. *Sociedade y Utopia*, 11, 168-179.

Hofstede, G. (1980). *Culture's consequences*. Beverly Hills, CA: Sage.

Howard, G. S. (2000). Adapting human lifestyles for the 21st century. *American Psychologist*, 55 (5), 509-515,

Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas / Siglo XXI Editores.

Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In: S. Moscovici (Ed.) *Psychologie Sociale*, (pp. 357–378). Paris: Presses Universitaires de France.

Kumar, K. (1997). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla,

Muenjohn, N. & Armstrong, A. (2007). Transformational Leadership: The Influence of Culture on the Leadership Behaviours of Expatriate Managers. *International Journal of Business and Information*, 2 (2), 265-283.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: The Free Press.

Rokeach, M. (1979). Introduction. Em M. Rokeach (Ed.), *Understanding human values: Individual and societal*, (pp. 1-11). New York: The Free Press.

Schwartz, S. H. (1990). Individualism-collectivism: Critique and proposed refinements. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 21, 139-157.

Sinha, D. & Tripathi, R. C. (1994). Individualism in a collectivist culture: A case of coexistence of opposites. Em U. Kim, H.C. Triandis, Ç. Kagitçibasi, S.-C. Choi & G. Yoon (Eds.), *Individualism and collectivism: Theory, method, and applications*. (pp. 123-136). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Souza, M. A. (2003). *Representação social da sociedade, anomia e individualismo-coletivismo*. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Instituto de Psicologia.

Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.

Triandis, H. C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.

Triandis, H.C., Chen, X.P. & Chan, D. K. S. (1998). Scenarios for the measurement of collectivism and individualism. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 29, 275-289.

Triandis, H. C.; McCusker, C.; Betancourt, H.; Iwao, S.; Leung, K.; Salazar, J. M. ; Setiadi, B.; Sinha, B. P.; Touzard, H.; Zaleski, Z. (1993). Na etic-emic analysis of individualism and collectivism. *Journal of cross-cultural psychology*, 24 (3), 366-383.

Van De Vijver, F. & Leung, K. (1997). *Methods and data analysis for cross-cultural research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.